



FOTOS: NILSON CARVALHO

Pobreza ao lado do poder

Viver a 1,5 mil metros da Praça dos Três Poderes e ter renda similar ao Recanto das Emas, a região administrativa mais pobre do DF, segundo os dados de 2000, onde as populações pobre e a média-baixa somam 89% dos habitantes da cidade. Assim é a realidade de muitos moradores da Vila Planalto, o bairro remanescente de um antigo acampamento de construtoras da época da construção de Brasília.

De acordo com a pesquisa do professor Frederico de Holanda, o lugar tem uma variedade de lotes, casas, quarteirões, ruas e vielas. Há ricos na Vila (3,9%), embora em menor quantidade que no restante do DF. Mas famílias de classe média e pobres são a maioria dos moradores: representam 62% e 32%, respectivamente.

"Há muitas famílias pobres que moram ali, junto ao coração da capital da República. São pessoas que resistiram à especulação imobiliária e, mesmo com as dificuldades, moram em um local privilegiado", analisa Frederico. "A arquitetura da Vila Planalto não condiz com os padrões da classe média, muito menos dos ricos. Isso reduz a pressão do mercado sobre os imóveis e favorece a permanência de famílias pobres", esclarece.

RICOS - Dos oito locais pesquisados, apenas dois mostraram uma população genuinamente rica: o Lago Sul e o Sudoeste "nobre". No Lago Sul, onde os lotes têm pelo menos 800 metros quadrados e chegam a custar R\$ 1,2 milhão, a renda mensal familiar é de 49 salários mínimos, a maior do DF e 15,4 vezes maior que a renda média do Recanto das Emas. No bairro, 80% dos moradores são ricos, a classe média-superior soma 10% e a ocorrência de demais classes sociais é praticamente desprezível.

O Sudoeste "nobre", onde os apartamentos custam cerca de 30% a mais que os da Asa Sul, vem logo atrás do Lago Sul em padrões de renda. No bairro, 65% são ricos e 23% são de classe média-alta. Pessoas de classe média-média para baixo somam 11%.

O Grande Colorado é o local com maior número de pobres, depois do Recanto das Emas. Os moradores ricos caem para 53%, os de classe média-média para baixo sobem para 22% e os pobres representam 5,5%. "A distância do Plano Piloto é compensada pelo preço do terreno e pela possibilidade de edificar uma casa de bom padrão por cerca de R\$ 790 o metro quadrado, contra pelo menos R\$ 3 mil por metro quadrado dos apartamentos novos no Plano Piloto.

O Grande Colorado é exemplo típico da emigração da classe média para fora de Brasília, intensificada nos últimos dez anos", explica Frederico, que pretende pesquisar a renda dos moradores do Paranoá e das quadras 700 nas próximas etapas do estudo.

"Os prédios JK foram projetados para famílias de menor poder aquisitivo. Eles são diferentes dos demais do Plano Piloto"

Frederico de Holanda, professor de Arquitetura e Urbanismo da UnB

"Em assembléia, proibimos o uso inapropriado dos depósitos, mas isso ainda ocorre"

Maria José de Oliveira, síndica de prédio, sobre pessoas que moram em quartos nos subsolos

Plano Piloto, lugar de todas as classes

Estudo da UnB mostra que área central de Brasília reúne moradores com grande diferença de renda

GIZELLA RODRIGUES

Morar no Plano Piloto nem sempre é sinônimo de alto poder aquisitivo. Apesar do endereço nobre, há diversidade de renda entre os moradores de Brasília. Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB) revela que, entre os habitantes da área central da capital da República, há pessoas de classe média, classe média baixa e, inclusive, classe baixa.

O estudo foi feito pelo professor de Arquitetura e Urbanismo da universidade, Frederico de Holanda, e os dados ainda são preliminares. Ele investigou a renda de oito áreas do Distrito Federal: Lago Sul; Sudoeste "nobre" (quadras 100, 200 e 300); SQS 103 (Asa Sul); condomínio Grande Colorado (Sobradinho); Sudoeste "econômico"; blocos JK, nas quadras 400 da Asa Sul; Vila Planalto e Recanto das Emas.

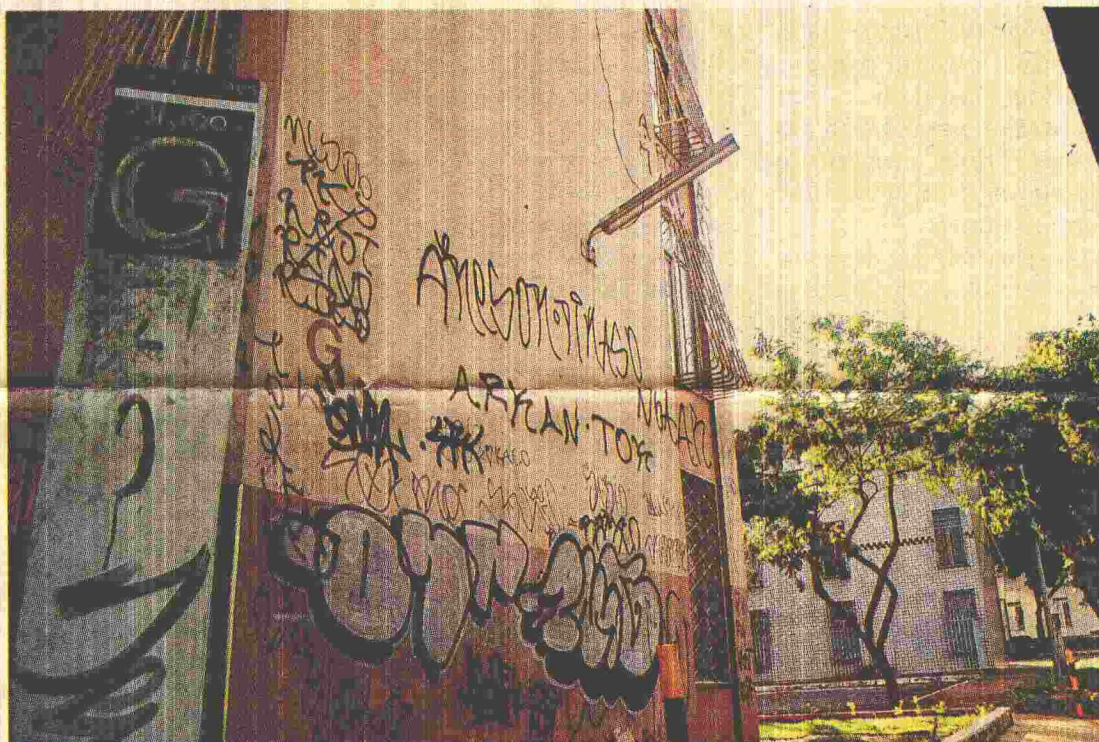
Com base no Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o pesquisador dividiu o poder aquisitivo dos moradores, de acordo com a renda do chefe da família, entre ricos (mais de 20 salários mínimos), médio-superior (entre 10 e 20 salários), médio-médio (entre 5 e

10 salários mínimos), médio-inferior (entre 1 e 5 salários) e pobres (com rendimento igual ou menor que 1 salário).

Na SQS 103, por exemplo, 56% dos moradores são ricos e quem é de classe média para baixo representa apenas 20% da população. Já nos blocos JK, também na Asa Sul, o número de ricos despenca para 22%. Nos prédios - sem elevador, sem pilotis e, portanto, mais baratos -, 43% dos moradores são de classe média-média e os pobres chegam a 6,4%.

MISTURA - Exemplo parecido pode ser encontrado no Sudoeste "econômico". Enquanto 65% dos moradores do Sudoeste "nobre" são ricos, apenas 38% dos moradores da parte econômica do bairro têm o mesmo rendimento. Nos prédios mais nobres do Sudoeste, 25% da população são de classe média-superior, e no Sudoeste "econômico", esta parcela sobe para 38%, ou seja, o mesmo número de ricos que vive no local.

O objetivo da pesquisa era desmistificar o imaginário de que, no DF, ricos moram no Plano Piloto e pobres nas outras cidades. E, para o professor, há uma explicação básica para a quantidade de pobres com residência no Plano Pilo-



Prédios JK, na 408 Sul: exemplo de arquitetura que afasta moradores de classes média ou alta

to: a arquitetura das habitações. "Os tipos de edifícios interferem na localização dessas diferentes classes sociais", destaca Frederico.

Ele explica que, na Asa Sul, os edifícios têm seis pavimentos sobre pilotis, elevadores e garagem subterrânea. Além disso, têm idade mais recente, padrões plásticos pós-modernos e oferecem melhor qualidade de serviços, como circuito interno de se-

gurança, trituradores de resíduos nas pias e TV a cabo. "Os prédios JK foram projetados para famílias de menor poder aquisitivo. Eles são diferentes dos demais do Plano Piloto e, assim, não são valorizados pela classe média ou alta", afirma.

Realidade que, segundo o pesquisador, é semelhante à do Sudoeste. A parte nobre do bairro também tem apartamentos em prédios de seis pa-

vimentos, elevadores e garagem. "Isso sem falar na quantidade de suítes e a plástica pós-moderna em moda, com o uso de muito cristal, alumínio, arcos, triângulos e frontões", enumera Frederico. "Embora o preço do metro quadrado de construção seja semelhante, os apartamentos no Sudoeste 'econômico' são menores e mais acessíveis a famílias de poder aquisitivo mais baixo", completa.

Endereço nobre, mas muito apertado

RICARDO MARQUES



Benedita: pensionista paga caro, mas não se mudaria da Asa Sul

Para viver no Plano Piloto, pessoas de renda baixa e média optam por apartamentos pequenos e mais baratos. Alguns vivem em moradias de um e dois quartos, outras chegam a morar em quartos sem ventilação e iluminação, completamente insalubres, no subsolo de prédios da Asa Sul.

No Bloco F da 410 Sul, por exemplo, algumas pessoas moram em pequenas salas de 15 metros quadrados. No projeto original do prédio, os cômodos deveriam servir de despensa para os inquilinos. No entanto, eles transformam o cômodo em dormitório das empregadas domésticas. A síndica do bloco, Maria José de Oliveira, afirma que o ambiente não é apropriado para viver, porque não tem ventilação e segurança em caso de incêndio. "Em assembléia, proibimos o uso inapropriado dos depósitos, mas isso ainda ocorre com frequência", admite Maria José.

O publicitário Disney Freire vive com a esposa num apartamento de 35 metros quadrados, de um quarto no Bloco E da 410 Sul, e afirma que prefere morar apertado a ficar longe do trabalho e das opções de lazer que o Plano Piloto oferece. "Sempre morei em Brasília, não quero sair daqui", ressalta.

FACILIDADES - A aposentada Maria Augusta Ferreira, 71, moradora do mesmo bloco, afirma que teria condições de comprar um apartamento melhor em outra cidade do DF, mas não troca as facilidades de viver num endereço bem localizado. Com a renda mensal de R\$ 1.790, ela comprou o apartamento que vale R\$ 70 mil.

"Moro em um lugar nobre e humilde ao mesmo tempo", reconhece. Segundo ela, existem alguns casos de família de quatro pessoas morando em um apartamento do mesmo tamanho do dela. "As pes-

soas querem viver perto do trabalho e da escola dos filhos", enfatiza.

Outra moradora do Bloco E, a pensionista Benedita Freitas Ferreira, 63, vendeu o apartamento de três quartos onde morava na Asa Norte, para pagar dívidas e, hoje, vive no aluguel. Os poucos móveis mal cabem ali. É muito menor do que ela estava acostumada a viver antes.

A única renda de Benedita é a pensão de R\$ 1 mil do marido. Ela gasta R\$ 610 com condomínio e aluguel e vive com menos de R\$ 400 para pagar alimentação, remédios e carnes de finanças. A pensionista poderia viver numa casa mais espaçosa em alguma cidade, pagando o mesmo valor do aluguel, mas quer ficar perto dos amigos, no Plano. "Meus amigos de longa data moram aqui. Não vou me jogar em um lugar longe do centro", justifica. (Colaborou Taline Barros)